

## Breve resenha do independentismo estudantil

Breve resenha do independentismo Ramóm Lareu Dizia Engels que "a burguesia tem mui pouco que aguardar e muito que temer da formação intelectual d@s obreir@s", é por iso que todo o que gire encol do mundo académico deve ser matéria fundamental para tod@ activista interessad@ na emancipação da humanidade e dos povos. Analisar a construção do "outro mundo possível" desde as aulas tem, polo tanto, umha importância essencial.

Adicado às presas e aos presos polític@s independentistas e antifascistas galeg@s Antes de nada, quigera agradecer aos companheiros e companheiras da revista estudantil irmá A Gadoupa, tanto o seu interesse por conhecer as distintas perspectivas da recente história da esquerda independentista no eido estudantil, como que me encarregaram fazer este artigo para dar a conhecer uns poucos traços da mesma. Quigera apontar que esta resenha nom tem mais intenção que a de botar umha olhada crítica cara atrás para poder alviscar com mais claridade o futuro imediato desta importante frente da luta. Que ninguém interprete nestas linhas afám revanchista ou revisionista algum. Nom é o nosso estilo. Cómpre aclarar, isso si, que ante a situação desastrosa na que se atopa o panorama agitado e organizativo do estudantado nacional, é próprio de toda pessoa revolucionária &ndash;de açom, que nom de palavra- fazer primeiro auto-crítica, e depois, sinalar sem ambagens aos/às culpáveis da mesma. Fazer autocrítica, reconhecendo que em ocasiões fomos ingénu@s, que quase sempre fomos alpavardas, que figemos política de preas, que tivemos mais coração que cabeça ou que nos perdeu a ilusom desbocada. E sinalar culpáveis, assinando cos nossos autênticos nomes numha revista como esta, e nom agochando-nos covardemente no anonimato da rede ou no fragor etílico do pub, como é costume entre outr@s pretendid@s "revolucionári@s". Tenho que aclarar tamém que a minha experiência na luta estudantil independentista desenrolou-se quase que exclusivamente na Universidade de Santiago de Compostela (USC) polo que a minha visom desta trajectória estará, polo tanto, bastante incompleta e sesgada. Ademais, a bibliografia existente é escassa e tamém bastante tendenciosa. Para começar cómpre olhar para os precedentes. Imo-nos trasladar para isso um pouco atrás no tempo. Um nascimento tortuoso A ditadura franquista converteu os centros de ensino em cemitérios de cheiro rancio marcados pola religiom, a repressom, a mediocridade e o adoutramento fascista. As represálias contra o estudantado nacional (galego), republicano, laico e progressista deixárom as aulas enlutadas e marcadas polo medo. Haverá que aguardar até a década dos anos 60 para alviscar certas mostras de recuperaçom protagonizadas por pequenos núcleos de estudantes ligados à universidade compostelá. Neste tempo de clandestinidade, as organizações estudantis de esquerda e anti-fascistas estavam completamente monopolizadas polo comunismo e polo trotskismo estatais e, em menor medida, por um fével anarquismo. O estudantado com certas teimas nacionalistas atopava-se algo perdido na resistência cultural ou no possibilismo. Eram os tempos de Galaxia, de Fuxan os ventos ou de Voces ceibes. As revoltas estudantis do 68 na cidade compostelá, paralelas ao Maio francês e incluso algo anteriores cronologicamente, servírom de catalisador para o (re)xurdimento do Movimento Estudantil Galego (MEG) dum jeito independente. Os acontecimentos desse ano fôrom a faísca precisa para recuperar a independência organizativa do estudantado galego, do mesmo jeito que quatro anos depois começaria tamém a se retomar a independência da classe obreira galega coas importantes mobilizações operárias de Ferrol e Vigo. Como resultado desta toma de consciência nacional por parte do estudantado mais combativo, em Dezembro do ano 1972 nasce Estudantes Revolucionários Galegos (ERGA) que xurde impulsada pola Unión do Pobo Galego (UPG) tras assumir este novo partido comunista a necessidade vital de dotar ao estudantado galego dumha organização nacional e reivindicativa, enquadrada no projecto de Libertação Nacional-Popular que em pouco tempo irá tomando a hegemonia do MEG tirando da vanguarda às organizações estudantis com direcçom espanhola. A sua organização era disciplinada e assemblear. Devido a umha análise ajeitada do ensino colonial, a umha táctica alicerçada nas reivindicações mais urgentes do estudantado e a umha boa linha política de massas, foi conseguindo sentar os alicerces do movimento estudantil nacional, chegando a ter presença, além da universidade, em praticamente a totalidade dos liceus e centros de F.P. do País. O seu modelo chegou a inspirar o nascimento doutras organizações semelhantes noutros países, como foi o da basca Jarrai em 1979. A sua actividade nom ficava só na prática sindical, senom que faziam trabalho político, cultural e social a prol da Naçom. Entre os cursos 72-73 e 74-75 levarám-se adiante campanhas contra as actitudes autoritárias de grandes sectores do professorado, pola melhora da docência ou de boicote e oposição às provas de selectividade, o que vai provocar a incorporaçom do estudantado do Ensino Meio à luta estudantil. A implantaçom de ERGA fora de Compostela foi fruto da concepçom do ensino como un problema global e da necessidade de criar um movimento de massas em toda a Naçom. Tras a morte do ditador e a entrada do seu sucessor real, havia certas esperanças numha ruptura democrática que permitira umha reformulação do Estado Imperialista Espanhol (EIE), encetando um novo caminho cara a libertação nacional. Estas esperanças provocarárom num princípio umha importante expansom do nacionalismo de esquerda e umha intensificação das luitas populares, vivindo assim ERGA umha época dourada que tem a sua cimeira em Janeiro do 78 coa celebraçom diante de mais dum milheiro de delegadas e delegados do seu Iº Congresso em situação de ilegalidade, já que até 1987 non seria legalizada. A consolidaçom do actual regime espanhol de "democracia" burguesa tras o autogolpe político-militar de Fevereiro do 81, as cisões e crises do Movimento Nacionalista e os erros da própria organização, fam que a começos dos 80 ERGA se convirta numha caricatura do que era. A sua desapareçom e presunta continuaçom polos Comitês Abertos de Faculdade (CAF) e Galiza Nova deve-se a umha açom enquadrada num projecto de paulatino reformismo e assimilaçom do sistema por parte do que hoje conhecemos como nacional-autonomismo ou BnG, renunciando ao modelo organizativo plural, unitário e de massas. A montanha russa, subidas e quedas A actividade pública de ERGA durante esses anos dourados, quase na totalidade das ocasiões, derivará-se da sua responsabilidade como organização, já nom estudantil, senom juvenil, do nacional-autonomismo. Participará activamente do movimento anti-OTAN, apoiará as greves gerais dos anos 84-85 realizando paros e manifestações de estudantes e denunciará os intentos de manipulação e tergiversaçom das figuras de Rosalia de Castro e de A.D.R. Castelão coincidindo co traslado dos restos do rianjeiro à Galiza, solicita aliás o voto para um BnG a cada vez

mais claudicante nas citas eleitorais e consegue integrar-se no Conselho da Juventude da Galiza com muitos problemas ao ser alega. Na década de 80 o independentismo organizado desaparece practicamente das aulas do País até mediados dos anos 90, exceptuando a estudantes que militavam nos CAF e que eram maioritariamente militantes ou simpatizantes do Partido Comunista de Liberación Nacional (PCLN) ou de Xerfas, as mocidades de Galiza Ceive (OLN). Nom pouc@s destas e destes moç@s pagárom coa cadeia, o exílio e a repressom o seu compromiso coa nossa Naçom e coa nossa classe. Em poucos anos os CAF e a sua expressom no ensino meio, os Comitês Abertos de Estudantes (CAE), medram a base da moderação das suas luitas, do possibilismo, da financiamento alheia à sua militância e do apoio de certas equipas decanais e reitorais. Ainda assim, a finais do 1994 um sector majoritário da organização em Compostela, liderado por estudantes militantes da socialdemocracia nacionalista, muit@s delas/es teoricamente independentistas, escindem-se e criam o Movimento Estudantil Universitário (MEU). Os CAF passam assim a ser umha organização quase que exclusivamente de obediência UPeGalha. A base de originalidade, pluralidade e dum estilo estético algo naïf, o MEU consegue ser o principal sindicato estudantil na universidade compostelá. Mas, mália a sua incansável actividade, a carência dumha canteira como a dos CAE no ensino meio e do conseguinte relevo geracional, fai que o MEU vaia esmorecendo e desapareza ao começar o novo século. Os CAF assumem a estratégia reformista à vez que intentam manter a imagem tradicional e histórica do nacionalismo popular coa intençom de mostrar-se como a organização "mais legítima" num tempo de madre importante das entidades nacionalistas em geral. Dentro dos CAF-CAE vam-se impondo carências de democracia interna, umha forte burocratizaçom dos órgaos de direcçom, a criaçom de áreas de poder onde se movem @s denominad@s "trepas" e a conseguinte estruturaçom dumha espécie de "sindicato" de serviços gestionado pol@s mesm@s. A mediados dos 90 o estudantado galego volve a tomar as ruas. No meio de cárregas policiais, traiçoes de reitores "nacionalistas" e recortes nas concessões das bolsas de estudo, fragóa-se umha nova jeira de importante activismo estudantil. Outra faísca, como foi a brutal agressom policial do 3 de Dezembro de 1996 em Compostela pode-se considerar como o ponto mais álgido desta jeira nova. Um dos resultados desta nova jeira foi a fundaçom de Estudantes Independentistas (EI) em Dezembro de 1995 que vem a organizar no seu seio a um grupo de estudantes sem militância prévia que começam a construir com muitas dificuldades o até de agora mais importante sindicato estudantil da esquerda independentista. Os primeiros passos de EI nutrirom-se de pequenas vitórias, como a eleiçom de vários representantes (11) para a Junta de Faculdade de História, Hª da Arte e Geografia da USC ou a entrada por primeira vez no Claustro. Mas a carga pesada do ideologismo, da inexperiência e de certas actividades impróprias dumha organizaçom sectorial do estudantado, como a de "repensar" a reorganizaçom e reunificaçom da esquerda independentista, freárom bastante o ritmo de crescimento inicial de EI. Ainda assim a finais de 1998 EI já contava com umha importante expansom territorial. Umha das causas foi a política de unidade de açom com CAF e MEU para lutar na rua, nas plataformas e nas assembleias pola educaçom pública. A princípios do 2000 EI conseguiu ser notícia a nível estatal ao conseguir paralisar a distribuicão no eido nacional do jornal "estudantil" filo-fascista Gaceta Universitaria tras dumha campanha de denúncia das intenções elitistas e fundamentalistas deste panfleto católico de Recoletos S.A. Para aquela altura EI estava espalhada por todo o território nacional e contava con dúzias de representantes nas Juntas e nos Claustros (3), algo que ainda nom conseguiu igualar nem de longe o autoproclamado independentismo estudantil "unitário" actual. Na faculdade de Filologia da USC chegamos a nos juntar um importante núcleo militante, com 20 quadros e outr@s tant@s filiad@s. De EI saímos pessoas que acabamos por nutrir as fileiras de partidos independentistas, centrais sindicais, organizaçoes juvenis, associaçoes culturais, centros sociais... e saírom tamém, como na jeira do 88-91, companheir@s que atualmente som prisioneir@s polític@s do EIE. A partires do 96 nuclea-se na Faculdade de História, Hª da Arte e Geografia da USC um colectivo de militantes dos CAF dependentes dumha corrente independentista do BnG com gínia naquele trotskismo estatal e quinta-colunista que, ao entrar em decadência, se infiltrara no nacionalismo galego a finais dos 80/princípios dos 90. Este colectivo, após de abandonar os CAF e intentar chantagear EI exigindo a entrada directa d@s suas/seus membros nos órgaos de direcçom e a mudançom do nome da organizaçom, cria em poucos dias e com quase umha dúzia escassa de militantes a Federaçom Estudantil Revolucionária (FER) em Outubro de 99. Esta "organizaçom" (mais bem colectivo ou grupo de pressom) cria-se coa única intençom de "negociar" em igualdade com uns ingénu@s e inocentes EI que figéramos da palabra "unidade" umha marca da casa baleira mas ao final, perigosa. @s militantes de FER, formad@s no entrismo oportunista, na fascinaçom obsesiva pola imagem e o marketing, na asunçom da teoria revolucionária em dogmas de fe, na execuçom sistemática da disjuntiva controlar ou destruir e na obediência partidista, eram muito mais disciplinad@s e foi-lhes doado submeter a umha organizaçom maioritária pero cumha composiçom mais heterogénea e com certas contradicões internas como era EI. Após um ano académico de tensas reuniões e dumha artificiosa "unidade de açom", EI e FER decidírom confluír numha única organizaçom do estudantado da esquerda independentista. No meio das negociações cara a unidade, o afám pola hegemonia da organizaçom que se queria formar fijo que primeiro FER arrastara aos restos do que fora o CAMEM (Comitê Aberto do Movimento Estudantil de Magistério) ao seu rego e que depois EI figera o mesmo co sector independentista de AEGA (Assembleia de Estudantes Galeg@s Antifascistas) radicada na Universidade de Vigo. Outro sector da AEGA, de ideologia mais ou menos libertária, constituiu-se na Assembleia Azrael, de corta trajectória. Na Assembleia Nacional na que se formou AGIR, teoricamente coa fusom de EI, AEGA, FER e CAMEM, nom assistimos mais da metade da militância de EI e a totalidade da de AEGA, que remataría por se disolver. Constituído AGIR, nom tardarám em chegar as purgas e/ou as saídas de antig@s militantes e simpatizantes de EI por desilusom ou fastio. Paseninhamente AGIR passa a herdar e assumir directamente os vícios do que fora a FER: a carência absoluta de espírito autocrítico, a teima pola estética e o desenho, o afám por aparentar mais força e capacidade organizativa da que realmente se tem, o voluntarismo enfermiço (açom pola açom), a disciplina sectária, a imitaçom mecânica de modelos foráneos, a endogámia nas relações pessoais, a incapacidade para assumir a formaçom teórica e aplica-la à realidade socio-económica do estudantado popular, o submetemento da problemática estudantil às necessidades partidárias,... demasiadas eivas para quem se autoproclamar "revolucionário". Nas mobilizações contra a

LOU (Novembro de 2001-Março de 2002) Galiza e o estudiantado galego convertemo-nos objectivamente no maior foco de luta e resistencia estudantil de todo o Estado e seguramente de Europa. As assembleias de estudantes por facultades e a coordinación das mesmas en órganos unitarios revelou-se como un método efectivo para a luta do estudiantado. Mas o perigo deste modelo está na súa vulnerabilidade ante a actuación sectaria de grupos organizados, e estes non tardaron en se revelar. No marco destas mobilizacións assemblearias e plurais, moitos estudantes da USC fomos testemuñas de como as organizacións CAF e AGIR e, en menor medida, outros grupúsculos ligados ao PsoE ou EU, se adicaban en exclusiva a dividir ao estudiantado mobilizado e organizado coa única intención de sacar proveito das tensións internas e "pescar" militantes. Já di o refraneiro a río revolto...Adiante pola reconstrución do movemento estudantil Como resultado disto, anos despois deses días históricos pode-se dizer que o panorama do MEG é objectivamente desolador e a situación das organizacións estudantis nacionais é patética, embora amossem a cotío outra face de cara á galería, mais que nada, para manter as apariencias. As dúas principais, CAF e AGIR viven de rendas. AGIR está practicamente desartelada tras desdobrar-se en organización juvenil. Nos CAF alviscam-se, porén, movementos internos e desde a base que poderían ir freando tantos anos de deriva reformista. Na década anterior fracasamos na nosa tarefa de construír unha alternativa revolucionaria desde as aulas. Defraudamo-nos a nós mesmos e falhamos-lhes a esas/es centos de estudantes da clase obreira que chegan á universidade grazas aos grandes esforços e sacrificios persoais e/ou dos seus parentes. Temos que reflexionar para non tropezar coas mesmas pedras. De ADIANTE (Mocidade Revolucionaria Galega) somos conscientes da importancia de reconstruír num futuro as estruturas dun sindicato estudantil aberto, revolucionario e democrático. Pequenas iniciativas que non van além de un ou dous centros, máis a súa debilidade, poderían chegar a ser interesantes gemes da reconstrución da organización estudantil do independentismo de clase se fosem capaces de se espallar e consolidar por mais facultades e liceus do País. Mas, num contexto de acoisa descarada ao ensino público, coa aprobación do Proceso de Bolonha e a montagem policial nos liceus (nos "coles" privados non sabem o que é a droga...), para a mocidade revolucionaria galega agora mesmo o mais inmediato é a defensa firme dos dereitos do estudiantado galego e do noso ensino público e por isso hoje em dia é mais urgente recuperar a unidade horizontal, assemblear e apartidaria do estudiantado galego ensaiada na luta contra a LOU em forma de assembleias coordinadas de estudantes e sob os parámetros estratégicos e históricos da nosa luta: ensino nacional, científico, popular e democrático. Bibliografía utilizada:- Documentos do Congreso Constituinte do Partido Comunista de Liberación Nacional (PCLN). "A mocidade no Partido. Organización. Traballo nas organizacións de Masas. ENSINO: ERGA" pp. 31-32. Compostela 1986.- Boletim ERGA: O lume que predeu. Editado por CAF, CAE, SLG, BNG e CIG. Compostela 1997.- Conclusões da IIª Assembleia Nacional de Estudantes Independentistas (EI) Semente dumha terra livre. Compostela 1998.- Resoluções da Assembleia Constituinte de AGIR. A unidade que nos fai avanzar. Compostela 2000.